

A HISTÓRICA MISOGINIA EM NOME DE *ALLAH* E DA TRADIÇÃO.

RESENHA DO FILME “I AM NOJOOM, AGE 10 AND DIVORCED”

Cila Lima¹

I am Nojoom, age 10 and divorced (2017), o filme que conta a história de Nojoom, uma das criança-menina iemenita, que busca se libertar dos estupros (institucionalizados, na forma de “casamento”) e da violência física e emocional sofrida diariamente, devido a histórica misoginia em nome de Deus e das tradições. Essa é a história nua e crua do filme que, pode ser vista, dentre outras, por duas narrativas opostas:

- a) a do aparente “relativismo cultural”, que enxerga com os olhos das tradições, do patriarcado e da misoginia, sob o manto de que tudo se resumiria à cultura, escondendo e deslegitimando os movimentos de lutas por liberdade, em que mulheres e meninas em suas próprias culturas e comunidades estão envolvidas;
- b) a que enxerga como existentes e legítimos os movimentos sociais endógenos de mulheres em luta por uma vida sem violência. Dentro do espectro dos estudos de gênero, cultura e misoginia, ouve o sofrimento, a dor e a violência contadas pelas vozes da própria população de meninas e mulheres, de uma mesma comunidade, cultura ou etnia, em que elas mesmas estão em luta por liberdade.

A resenha aqui proposta se desenvolve sob essa segunda narrativa. Nesse sentido, a primeira observação sobre o filme *I am Nojoom, age 10 and divorced* é que ele trata de uma das pautas dos movimentos de mulheres do Iêmen, a luta contra o casamento infantil, representada nas vozes das três ativistas iemenitas: Nojoom Ali, Shada Nasser e Khadija al-Salami.

Nujood Mohammed Ali al-Ahdal (a Nojoom Ali), nascida em 1998, numa aldeia de Sana’a (Iêmen), atualmente ativista contra casamentos forçados, teve sua história real contada no filme. Ainda menininha, prestes a completar 10 anos, foi vendida pelo pai para um “casamento” com um homem de 30 anos. Depois de tentativas de se libertar, por meios que poderiam tê-la levado à morte, encontrou na lei uma saída, o “divórcio”. O primeiro provocado por uma criança-menina, que inspirou dezenas de outras meninas no mundo árabe. Voltando a estudar, em 2009 suas memórias foram publicadas em

¹ Doutora em História Social, autora dos livros *Women and Islamism: the cases of Egypt and Turkey* (2013) e *Feminismo islâmico: mediações discursivas e limites práticos* (2017). Pesquisadora do GTOMMM (Grupo de Trabalho Oriente Médio e Mundo Muçulmano) e do NEHH (Núcleo de Estudo de História e Historiografia), USP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0992-4272>, <https://usp-br.academia.edu/cilalima> e e-mail cila.li@alumni.usp.br.

■ resenha de filme

francês *Moi Nojoud, 10 ans, divorcée*². Aos dezesseis anos, passou a ser chamada por Nojoom (que pode ser traduzido por *Estrela*, nome dado por sua mãe e de sua preferência) e não mais Nujood (cujo significado é *Escondida*, nome dado por seu pai, ao ter se decepcionado por ter nascido menina).

Shada Nasser, retratada no filme nas cenas do tribunal, defendeu Nojoom Ali no bem-sucedido processo de “divórcio”. Nasser, nascida em 1964 em Áden (Iêmen), ativista pelos direitos humanos, formou-se em direito, em 1989, pela *Charles University* em Praga. Em 1990, tornou-se a primeira mulher advogada a ter um escritório legal em Sana’a e a primeira a não cobrir o rosto nos tribunais do Iêmen. Ela defendia prisioneiras da Prisão Central no Iêmen, desprovidas de recursos financeiros, como por exemplo, o caso, em que livrou da condenação à morte, uma menina de 14 anos, acusada de ter assassinado o “marido”³.

E Khadija al-Salami, cineasta que lançou o filme em 2017 contando a história de Nojoom, com o realismo de quem vivenciou a mesma dor na infância. Nascida em 1966 em Sana’a (Iêmen), aos 11 anos de idade, depois do divórcio de seus pais, al-Salami também foi vendida, pelo tio e pela avó, para um “casamento” com um homem que a levou para Damasco (Síria). Violentada, espancada e obrigada a trabalhos forçados, ela tentou suicídio algumas vezes, até que foi *repudiada*⁴ pelo “marido” e devolvida para sua mãe. Salva pelos estudos, em escolas do Iêmen e em outros países, tornou-se a primeira mulher cineasta iemenita, ao concluir o mestrado em 2014 e ao atuar nas produções do *Institut du Mond Arabe* em Paris.

Uma segunda observação, é que o *realismo* impressionante do filme, em árabe, com atores e atrizes árabes e em cenários reais de aldeias de Sana’a, só foi possível devido à coragem de al-Salami, que o realizou na clandestinidade. O primeiro longa-metragem filmado totalmente no Iêmen (premiado no *International Festival* de Dubai e indicado ao Oscar). Al-Salami em entrevista ao jornal *Ahram*, diz: “o filme só podia ser realizado em Sana’a”, “eu tinha recebido a oferta de ele ser feito no Marrocos, mas recusei” (tradução nossa). Com medo da censura e de não concluir o filme, devido à forte repressão no Iêmen, al-Salami manteve em segredo o assunto abordado, até os atores e as atrizes o sabiam apenas vagamente. Ela menciona:

eu era muito discreta o tempo todo. Eu tive que filmar a cena da primeira noite de casamento, pós-cerimônia, por exemplo, no último dia, no último momento. Também menti ao tribunal para obter permissão para filmar em suas instalações. Eu disse

² Em 2010, em inglês *I am Nujood, age 10 and divorced* e em outras línguas. Em 2009, seu passaporte foi retido pelo governo, devido à imagem negativa internacional, que seu caso trouxe ao Iêmen.

³ Ver em <https://www.newyorker.com/news/news-desk/a-ten-year-olds-divorce-lawyer> Acessado em 25/07/2020.

⁴ Esse termo em árabe significa, numa interpretação clássica da jurisprudência islâmica, que o homem está pedindo o divórcio. Se o homem repudia a mulher por três vezes, ele está requerendo o divórcio. E nessa interpretação clássica, somente o homem poderia repudiar, ou seja, requerer o divórcio. Na contemporaneidade, a maior parte dos países muçulmanos, bem como no Iêmen, a mulher tem o direito adquirido de requerer o divórcio.

■ resenha de filme

a eles que eu estava contando a história de uma ‘menina’ que queria se divorciar, não de uma ‘menininha’. A equipe de filmagem foi expulsa de algumas aldeias, enfrentamos cortes de energia ... foi completamente surreal (traduções nossas)⁵.

A terceira observação é que o casamento infantil é ainda uma realidade em todo o mundo, o abuso sexual e estupro de crianças estão presentes em todos os países. A diferença é que alguns dispõem de um conjunto de leis de proteção às crianças e aos adolescentes, bem como desenvolvem campanhas, incentivando denúncias e operações policiais de repressão. Enquanto outros países impedem essa proteção por não proibirem explicitamente casamentos infantis, não estabelecerem uma idade mínima para casamentos e/ou, até mesmo, não criminalizarem em lei abusos sexuais e estupros, deixando as resoluções nas mãos da população.

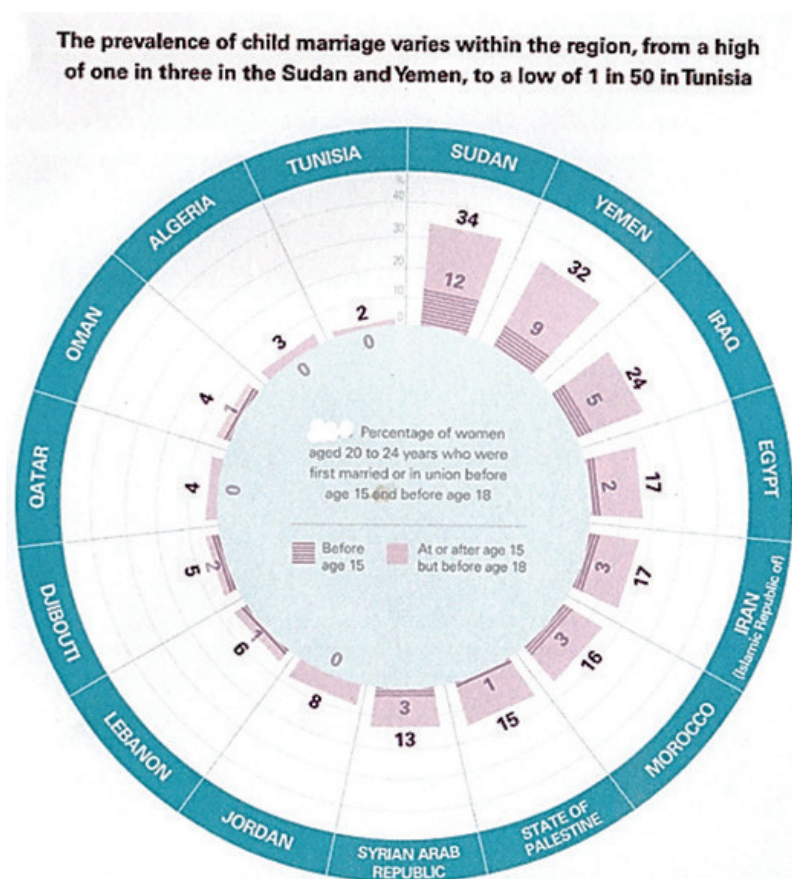


Figura 1

Fonte: Unicef, 2018.

Uma pesquisa da UNICEF (2018) mostrou que no mundo havia por volta de 650 milhões de casamentos infantis (incluindo mulheres casadas na infância). Neste mesmo estudo, com dados coletados entre 2010-2017, em países árabes e entrevistando mulheres de 20 a 24 anos, observou-se que no Oriente Médio e Norte da África havia por volta de

⁵ Ver no link: <http://english.ahram.org/NewsContent/5/32/132507/Arts--Culture/Film/I-Am-Nojoom,-Age--and-Divorced-Yemeni-director-tac.aspx> último acesso, 25/07/2020.

■ resenha de filme

40 milhões (incluindo as mulheres casadas na infância) e, por ano, ocorriam por volta de 700.000 casamentos infantis nesta região⁶.

Nesse levantamento da UNICEF, conforme o gráfico da figura 1 acima, o Sudão e o Iêmen concentram os maiores números de casamentos infantis, 1 em cada três mulheres casadas (respectivamente, 34% e 32% se casaram antes dos 18 anos e 12% e 9% delas, antes dos 15 anos); A Argélia e a Tunísia, estão em processo de erradicação desta prática, 1 em cada 50 mulheres casadas (respectivamente, 3% e 2% delas tinham se casado antes dos 18 anos e 0% (nenhuma) antes dos 15 anos)⁷.

Outro dado relevante mostrado por essa pesquisa da UNICEF, é que o número de casamentos infantis tende a ser maior no meio rural, em que as populações são, em geral, mais pobres e, muitas vezes, menos escolarizadas. Por exemplo, conforme gráfico⁸ da figura 2 abaixo, entre o meio rural 27% das mulheres foram casadas na infância (6% entre as mais pobres e 32% entre as analfabetas).



Figura 2

Fonte: Unicef, 2018

Caindo consideravelmente entre os casamentos realizados no meio urbano, que foram 13% de mulheres casadas na infância (9% entre aquelas mais ricas e 13% entre as que possuem segundo grau)⁹.

A expressão *casamento infantil* é válida no sentido de representar uma generalização, em que se considera todo casamento forçado, arranjado ou consensual de toda pessoa menor de 18 anos. É compreensível que as campanhas internacionais, a ONU, as ONGs

⁶ Ver no link, <https://www.unicef.org/mena/reports/profile-child-marriage> Acessado em 25/07/2020.

⁷ Ver metodologia de coleta de dados em <https://www.unicef.org/mena/reports/profile-child-marriage>. Acessado em 25/07/2020.

⁸ No gráfico aparece a expressão *wealth quintile*, que no português pode ser traduzida por quintil de riqueza (1 parte da riqueza dividida em 5).

⁹ Para números detalhados sobre o casamento infantil no mundo, país a país, ver as tabelas das páginas 30 a 40 de "Early marriage a harmful traditional practice. A statistical exploration". Unicef, 2005, https://www.unicef.org/publications/files/Early_Marriage_12.lo.pdf Acessado em 25/07/2020 e para uma apresentação das ações pela sua erradicação, realizadas pela CEDAW (Convenção para Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres) e pela CRC (Convenção sobre os Direitos da Criança), ver no texto "Early Marriage: child spouses", Unicef, 2001. <https://www.unicef-irc.org/publications/pdf/digest7e.pdf> Acessado em 25/07/2020.

■ resenha de filme

e os feminismos usem indistintamente a expressão *casamento infantil*, pois é necessário ter um ponto convergente entre o(a)s que atuam contra esse tipo de violação de direitos humanos. Contudo, essa expressão tem limites, pois quando se fala em “casamentos” com crianças ela não alcança a realidade, não é possível usar a expressão *casamento infantil* tranquilamente, quando se conta a história de crianças numa situação de “casamento”. Crianças não se casam, não fazem sexo, não têm relações sexuais. Crianças são abusadas, estupradas ou aliciadas ao sexo.

Se os termos *estupro* e *abuso* são efetivos para expressarem os casos de milhares de vítimas desses crimes, por que não seriam efetivos para expressarem as mesmas situações criminosas pelas quais crianças e jovens passam, sob o subterfúgio do “casamento”? Ou sob o manto da cultura, da etnia ou das tradições? Nesse sentido, são termos usados nessa resenha e podem ser encontrados no filme, implícita e/ou explicitamente, nas falas de Nojoom, da advogada e do juiz (que dá voz à cineasta).

A seguir estarão descritas, de forma resumida, cenas de *I am Nojoom, age 10 and divorced*, intercalando análises e impressões sobre como as tradições podem se tornar instrumentos de desumanização, se estiverem rigidamente separadas dos corpos físicos, mentais e sentimentais dos seres humanos, em uma espécie de personificação das tradições em si.

Cenas de contrastes e de histórias paralelas.

As cenas escolhidas abaixo nos levam a conhecer um pouco mais do Iêmen e a entender detalhes das cenas do “casamento”.

Mulheres e meninas com belíssimas túnicas pretas enfeitadas com fitas coloridas (prata, ouro, vermelha) e arranjos com *hijab*. Homens e meninos com túnicas brancas de corpo inteiro; Nojoom e irmãos brincando, ao ajudarem na plantação de café e na criação de carneiros. Seus delicados cuidados com os carneirinhos. Demonstrando prosperidade, felicidade e paz com as tradições. Contrasta com as tradições violentas, numa estrutura rigidamente misógina e patriarcal, em que mulheres e homens sofrem por deverem obediência aos julgamentos morais e às punições impostas pela comunidade;

Estupro de Najla, a irmã mais velha de Nojoom, representando a saga de muitas jovens-menina que depois de violentadas são obrigadas a se casarem com os algozes. Uma perversa situação, que ainda as punem com a mácula de terem “desonrado suas comunidades”.

Mudança da família para Sana’a, na caminhonete, em que as crianças alegres e Nojoom com cabelos esvoaçantes demonstram esperança pelo novo, contrastando com a chegada num urbano empobrecido, com desemprego persistente e a família vendendo produtos no farol;

Inocência de Nojoom e Samir (seu irmão mais novo), numa noite, comendo, escondidinhos, um chocolate e sob a luz no lençol que separa o quarto, a sombra do pai contando à mãe: “Nojoom vai se casar e receberemos um bom dinheiro por isso” e “Samir vai trabalhar na Arábia Saudita e mandará dinheiro todos os meses”.

■ resenha de filme

Samir em uma carroceria de caminhão, cheia de outras crianças-menino indo trabalhar na Arábia Saudita.

O “marido” de Nojoom e um amigo, na caminhonete, mascando freneticamente *Qat in natura*, planta que contém alcalóide e causa excitação. O amigo revela a dependência: “gasto mais com *Qat*, do que com a comida para a família” (tradução do filme).

O “Casamento” e a saga de Nojoom

Na preparação para o “casamento”, o(a)s adulto(a)s, em especial a mãe e o pai, abstraem a imagem de Nojoom:

A primeira rejeição de Nojoom ao “casamento”, que ela nem sequer sabia o significado, a não ser que a noiva usa vestido branco, dá-se quando a mãe a veste com um vestido grande, escuro e velho e uma aliança larguíssima, muito maiores que o corpo e o dedo de Nojoom, dados pelo “noivo”. Demonstrando o desprezo e a coisificação com que o “noivo” a enxergava.

Durante a espera do “casamento”, mãe, Nojoom, irmã mais velha e outras mulheres estão sentadas. Chega uma menininha, vai até o centro da sala e chama Nojoom para brincar. Inocente e delicadamente, Nojoom se levanta, vai até a porta, tira seu vestido ali mesmo, limpa sua maquiagem e vai brincar com as coleguinhas. Ninguém percebe de imediato que ela saiu. Afinal, Nojoom é uma abstração, seu corpo infantil não está ali presente.

Crianças sendo crianças

Em uma cena comovente e delicada, uma das menininhas questiona sobre a aliança no dedo de Nojoom, ela responde que ganhou, mas que era muito larga. A menininha dá a ideia de levarem a uma joalheria para trocá-la. No caminho, Nojoom se encanta com uma vitrine de bonecas. Ela e a amiguinha chegam à loja e vendem a aliança. Com o dinheiro, Nojoom compra uma bonequinha. Muito contente e faceira, ela, no centro de uma roda de amiguinho(a)s, mostra as habilidades da boneca: “canta e é fofinha”.

Após um longo tempo de brincadeiras, notada a sua ausência no “casamento”, aparece Samir chamando-a. Ela diz: “estou brincando”. O irmão, inocentemente, diz a ela: “venha, depois do “casamento” eu venho com você para brincar”. Nojoom pergunta: “você promete?” “Prometo”, responde Samir. De mãos dadas, voltam para casa. Nojoom com a boneca.

Nojoom e Samir, arrastados para seus destinos

Em uma cena agressiva, o pai os alcança, puxa Nojoom e diz à Samir: “seja homem e vá para onde eu lhe mandei” (ir para a caminhonete, que o levaria à Arábia Saudita). Jogando a boneca no chão, ele arrasta Nojoom pela rua, com as duas mãos tapando a boca dela, para sufocar seus gritos. Pelos cabelos e orelhas, leva-a até a mãe, dizendo: “o “marido” a espera faz mais de uma hora”. A mãe não entende por que Nojoom chorava e gritava por uma boneca. Chega uma das irmãzinhas e entrega a boneca à Nojoom, dizendo que a achou na rua (trazendo a ideia de que é com isso que criança se preocupa). O pai, furioso, arrasta Nojoom (com sua boneca nos braços e uma sacolinha de coisas) e a põe no banco de trás de uma caminhonete, em que, no banco da frente, estão o “marido” e um amigo (na direção).

■ resenha de filme

Na porta da casa, olhando Nojoom ser levada pelo “marido” é a única vez em todo o filme que aparece a mãe sensibilizada e levemente chorando.

Ao chegar na vila em que moram a “sogra” e o “marido”, um vilarejo empobrecido e árido, homens armados com rifles vêm recepcionar o “marido”. Vindo à frente, o Sheik (que realizou o combinado do “casamento”) atirando para o alto. Todos eles vestidos caracteristicamente, com adagas na cintura (um acessório típico dos homens, no Iêmen). Tudo ao som de tambores que eles tocavam fortemente, cantando e mascando *Qat*.

Nojoom com medo, num gesto de defesa, abraça forte sua boneca. Logo é obrigada a sair da caminhonete e levada por duas mulheres de xador preto (típico do Iêmen, majoritariamente xiita). As mulheres e a “sogra” introduzem Nojoom à casa, com um ritual de quebrar um ovo. A “sogra” leva-a para conhecer o quarto do “marido”.

Nojoom mercadorizada na combinação do “casamento”, tornou-se uma abstração sociocultural naquele ritual de recepção à casa da “sogra”. Não é enxergada em seu corpo infantil. Não é vista na realidade. Ela é a corporificação de um “casamento”, de uma tradição e de uma aquisição do “marido” (a ser homenageado). É mais uma, a cumprir o seu destino...:

No jantar de comemoração dentro da casa estavam ela e três adolescentes-meninas (também “casadas”) e a “sogra”, apontando para a mais nova delas diz: “ela também é “recém-casada”, ela é muito trabalhadeira” (aspas nossas, tradução do filme).

Ao som forte dos tambores

A cena da “noite de núpcias” (do primeiro estupro) é atordoante. Não há cena explícita de violência, mas os detalhes simbólicos demonstram o desespero dessa criança-menina naquela noite.

Nojoom está deitada com sua boneca encostada ao peito, sem saber o que aconteceria. Com medo, aterrorizada, mas acreditando que dormiria. O “marido” entra no quarto, pendura seu rifle num gancho da porta. Retira seu cinturão com a adaga e o pendura também no gancho. Esta cena simboliza muito o poder sobre aquela criança ou qualquer outra pessoa vulnerável (mesmo adulta, uma mulher não teria como se defender). É uma cena que representa o quanto é difícil escapar daquele destino. Quando o “marido” deita ao seu lado e começa suas investidas, Nojoom grita, luta, chora, tenta a todo custo se desvencilhar.

De manhã, Nojoom deitada, com os braços cruzados ao peito (em sinal de defesa) e lençol ensanguentado, vê a “sogra” entrando, contente e agradecendo a Deus, por constatar que Nojoom era virgem. A “sogra”, sem percepção alguma do corpo e da dor de Nojoom, leva-a para se banhar, dizendo: “toda mulher quando tem sexo com o “marido” deve se banhar”. Num rompante de horror, tristeza e vontade de arrancar de si aquela tortuosa sensação, Nojoom pega a bucha e se esfrega freneticamente, com nojo e raiva.

Nas cenas dos trabalhos pesados que Nojoom e outras meninas cumpriam diariamente, observa-se que há compartilhamento de sensibilidades entre elas. Entre as meninas do campo, Nojoom é vista com suas fragilidades de menininha, as maiores ajudam-na a

■ resenha de filme

carregar a água e a se adaptar às tarefas da plantação de trigo. Bem como elas, as jovens-meninas, umas para as outras, parecem se verem com suas fragilidades de adolescentes. Nesse momento, a cineasta, al-Salami, parece revelar sua fé na religião: ao fundo, colocou uma voz feminina, orando repetidamente, dando a sensação de esperança para aquelas meninas: “*ô senhor do reino celestial, ó Deus vivo, senhor imperecível, Senhor eterno, ó alegria que me dá refúgio (bis). Ele é o começo e o fim*” (tradução do filme).

Nojoom é destrutada, por ser considerada *desobediente*¹⁰.

Pelo “marido”: “o dinheiro que dei ao seu pai, vem de anos de trabalho duro” e “eu me casei para ser feliz e não para ir atrás de você em um penhasco” (tradução do filme);

pela “sogra” (falando ao filho): “você devia dar uma boa surra nela, para ela entrar na linha” (tradução do filme).

A “sogra” e a mãe de Nojoom, no filme, demonstram o papel que mulheres podem vir a ter na perpetuação da misoginia, se endurecerem os seus olhares, ao revisitarem seus passados. A perpetuação das violências contra meninas e mulheres praticadas também por mulheres é identificada, nessa resenha, como uma ‘anomalia social’, presente em todas as sociedades, mas acentuada em países pobres e com democracias não consolidadas: algumas mulheres enxergam a dor e o sofrimento, com um olhar do ‘determinismo social’ e, mesmo que incoerente, consciente ou inconscientemente, vingam-se dos seus passados, perpetuando a misoginia e as violências contra suas meninas.

Tradição de ‘palavras ao vento’.

O pai, ao entregar Nojoom ao “marido”, lembra-o: “cuide de minha filha, eu só conto com sua palavra” (tradução do filme). Ao que tudo indica, o pai está falando do compromisso de esperar pela puberdade dela, feito no dia da combinação do “casamento” (do contrato de venda de Nojoom), em um momento ritualístico, em que o pai, o Sheik e o senhorio, receberam o dinheiro do “noivo”.

Para a iraniana feminista islâmica Ziba Mir-Hosseini, esse tipo de contrato de casamento, até juristas islâmicos clássicos o comparam com um contrato de venda. Como apresentado no *fiqh* (jurisprudência islâmica), diz ela, foi um dos principais responsáveis pela retirada das mulheres muçulmanas da vida pública, em que homens passaram a ter o direito de controlá-las, na mobilidade e na sexualidade (Lima, 2017: 118). Este tipo de contrato de casamento no *fiqh* é descrito assim por Mir-Hosseini:

¹⁰ No Alcorão, sura 4 aya 34, há o termo árabe *nushuz* (que pode ser traduzido por *desobediência*), aplicado à mulher. O movimento feminista islâmico levanta vários questionamentos sobre o histórico de surgimento dessa sura, como faz Fátima Mernissi em *The veil and the male elite: a feminist interpretation of women's rights in Islam*. Ver reinterpretações de feministas islâmicas sobre esse tema e sobre alguns *ahadith* em Cila Lima (2017: 96-118).

■ resenha de filme

o contrato de casamento, chamado de *'aqd al-Nikah* (contrato de coito), tem três elementos: o oferecer (*ijab*) pela mulher ou o seu guardião (*wali*), a aceitação (*qabul*) pelo homem, e o pagamento do dote (*mahr*), uma soma de dinheiro ou qualquer valor que o marido pague ou subentende pagar como prêmio antes ou depois da consumação (apud Mir-Hosseini, 2011:195, Lima, 2017: 117).

O compromisso do “marido” de esperar pela puberdade de Nojoom era ‘palavras ao vento’. Ficando bem claro isso, quando dois meses depois do “casamento”, ela foi levada por ele para a casa dos pais. Nojoom havia tentado se livrar dos estupros e trabalhos forçados, ameaçando pular de um penhasco, mas foi pega e espancada pelo “marido” e, num momento de profundo desespero, trancou-se por dentro da sala de banho e foi batendo freneticamente, com muita força, a cabeça na rocha, até desfalecer. Quando o “marido” conseguiu tirá-la dessa sala, desmaiada, levou-a para seu pai lhe dar corretivos (declarou ele).

Nojoom ao chegar na casa dos pais, desesperada, chorando muito, pede socorro para sua mãe: “mamãe ele me machuca, ele me obriga a fazer coisas nojentas”, “ele me sangra todos os dias”, “minha barriga está queimando”, “você disse que se alguém tentasse me tocar, era para eu procurar você”, “eu não quero voltar para ele”. A mãe impassível ao seu sofrimento, olhando-a de forma totalmente desumanizada, põe a instituição do casamento à frente, dizendo: “querida, só quando é um estranho, ele é seu marido e tem esse direito. Nós dissemos para ele esperar a sua puberdade...”.

Nojoom súplica ao pai, pede socorro, implora. Mas o pai responde “você é uma mulher “casada” e precisa voltar para seu “marido””, “as pessoas vão dizer que há algo errado com você, pois foi devolvida pelo “marido””.

Nojoom percebe que não terá ajuda de sua mãe, nem de seu pai para se livrar deste mal que lhe estava acontecendo. Ainda na casa de seus pais e com o “marido”, na próxima manhã, ela sai para comprar pão e, num rompante, foge pelas ruas de Sana’a em busca de um tribunal. Ao chegar lá, revela ao juiz a sua vontade de “divorciar-se”. O filme inicia com as cenas da fuga de Nojoom, da chegada dela ao tribunal e dela contando ao juiz a sua história.

Conhecimento é luz, diz Khadija al-Salami

As cenas retratando a recepção à história de Nojoom, pela população urbana e esclarecida são nitidamente contrastantes com as percepções da população rural e, majoritariamente, analfabeta das aldeias.

No tribunal

Uma mulher vestida de xador preto, aparentemente tradicional, ajuda Nojoom a se levantar de um tombo e a leva para uma das audiências. Simbolicamente, a cineasta mostra como primeira cena do meio urbano e esclarecido, a ideia de que não é a religião ou a tradição em si, que desumanizou Nojoom, mas a ignorância, o não conhecimento.

O juiz receptivo, ouve Nojoom e suas memórias e diz: “sua história é complexa e dolorosa. Por ser sexta, o expediente voltará na segunda. (...) É verdade que

■ resenha de filme

muitas meninas são casadas cedo demais, mas nenhuma veio aqui pedir divórcio. (...) Volte daqui dois dias” (tradução do filme).

Desesperançosa, Nojoom se senta na calçada para esperar ali mesmo. O juiz ao vê-la, resolve acolhê-la em sua casa até segunda-feira. No caminho, em seu carro com motorista, ele passa na escola para pegar sua filha Sama (cujo nome, significa céu), 13 anos, roupas discretas, escuras, sem *hijab* e com mochila. Em casa, compreendendo o físico e a mente infantil de Nojoom, o juiz sugere a Sama: “leve ela para o seu quarto”.

Na casa de Sama

O juiz conta à sua esposa sobre a presença de Nojoom. Num primeiro momento, as frases dela são: “desde quando você traz requerentes para a casa?”, “você mandou uma menina que dormiu com homem para o quarto de Sama? Ela não ficará aqui, de maneira nenhuma” (traduções do filme).

Mas ao entrar no quarto e se deparar com Nojoom, a imediata identificação de que se tratava de uma menininha, fez a mãe de Sama dizer: “leve-a para tomar um banho e empreste a ela algumas de suas roupas” (tradução do filme).

Nojoom brinca com Sama. Delicadamente desenha estrelas (como escrita do seu nome) e Sama desenha um céu cobrindo as estrelas (também como escrita do seu nome). Mas os sentimentos internos de Nojoom eram de raiva e desespero. Vendo-se sozinha, ela rabisca freneticamente o papel e à noite, dormindo na mesma cama com Sama, tem um pesadelo: ‘seu pai a espancando na frente de seu “marido” rindo bem alto’. A mãe de Sama entra e cuida de Nojoom para baixar a febre e minimizar seu desespero.

Audiência

Segunda-feira Nojoom vai de carro à casa dos pais, acompanhada por policiais, a mando do juiz. Ao chegar na casa, grita feliz, “mamãe, mamãe”. Ironicamente, a mãe pergunta, “alguém fez algo com você?”, “vou escondê-la, para arrumar uma desculpa para seu pai, ele vai matar você”. O pai entra neste momento, pegando-a pelo pescoço e jogando-a nos braços do “marido” diz: “escuta, ela é sua “esposa”, leve-a e ensine a ela o que é certo. Ela já envergonhou o bastante” (aspas nossas, traduções do filme). Nojoom se solta e corre em direção aos policiais, que levam o pai e o “marido” para a prisão.

Na audiência, dias depois, entra Nojoom acompanhada com sua advogada Shada Nasser a protegendo das dezenas de jornalistas. A todo o tempo, contra as investidas do “marido”, do pai, do Sheik e do irmão mais velho, Nasser diz a Nojoom: “não tenha medo, nós te protegeremos”.

O juiz então pergunta ao pai “qual é a idade de sua filha?” e “como pôde casar sua filha, antes da puberdade?” O pai, consciente de seu erro, responde mentindo: “treze anos” e continua: “todas as pessoas da minha aldeia têm filhas da idade dela e as casam, sem ninguém para julgá-las, recriminá-las ou puni-las” (tradução do filme). Continua contando os infortúnios pelo qual sua família passou depois do estupro de Najla. Ele conta que: “na mudança para Sana’a disse ao filho mais velho: você viu o que meninas fazem? Por causa delas, temos que deixar nossa terra, nosso gado, nossa casa e ir para um lugar desconhecido. Os que dizem que ter uma filha é uma maldição, estão certos” (tradução do filme).

■ resenha de filme

Demonstrando que concorda com o julgamento da aldeia: Najla, por ter sido estuprada, era a culpada pela desonra da família e pelos infortúnios pelo qual estavam passando.

A cineasta Al-Salami, nas cenas do tribunal, representa o pai e o “marido” como aqueles que desconhecem as leis e as escrituras sagradas. Não os representa como bárbaros, mas sim como ignorantes, parcialmente conscientes de suas culpas. Ignorantes agindo, como conceitua Hannah Arendt, sob a “banalização do mal”.

Shada Nasser faz sua contundente defesa, refletindo, implicitamente sobre direitos humanos. Ela diz:

todo ano, 70 mil meninas são mortas em países subdesenvolvidos e o Iêmen, tem o maior número de mortes, por causa dos casamentos na infância. Temos muita sorte de Nojoom estar conosco e por ela não ter morrido de hemorragia, por dar à luz cedo demais: “os senhores estão cientes dos crimes que cometeram? Os senhores são os guardiões dos seus filhos. E, de acordo com a Shari’ah, o que ele fez é impróprio. Nojoom não está pronta para o casamento, nem física, nem emocionalmente. Ela ainda é uma criança. O caso de Nojoom não é o único, mas peço-lhes que não a condenem à morte enquanto estiver viva (tradução do filme).

Em um dos momentos da audiência, chega o Sheik, escoltado por homens armados, tentando intimidar o juiz, aos berros. O juiz, sem medo algum, pediu para que o Sheik se sente e escute a audiência. Depois de o Sheik e o “marido” citarem a Sunnah e a religião, o juiz os contradiz, dizendo: “nem mesmo as escrituras sagradas vocês conhecem”, pois, diz o juiz “segundo a Sunnah de Deus e do profeta, o casamento desta criança não é válido. E ter abusado dela é o pior de todos os crimes”, ele continua “cada ser humano é responsável pela sua consciência, pois mesmo que não haja uma lei civil explícita proibindo o casamento infantil, todos sabem que a base da Shari’ah é proibir o mal e todos têm a obrigação de defender as vítimas de qualquer idade” (traduções do filme).

As falas do juiz, acima e a seguir, dão voz às ideias da cineasta, de que ‘conhecimento é luz’ e de que é necessário renovar as interpretações sobre a religião e as tradições. O juiz diz ao Sheik: “está na hora de vermos a extensão do perigo desses valores que controlam nossas vidas. Precisamos nos livrarmos da ignorância que cega os culpados, que inconscientemente cometem crimes em nome dos costumes, das tradições e da religião” (tradução do filme).

Momentos seguintes, o juiz declara a anulação do “casamento” e o Sheik declara o “divórcio”.

O retorno da infância

Antes da declaração do juiz, entrou na sala, Samir (sujo, rasgado, cansado), pois havia fugido da Arábia Saudita, quando viu em um jornal a notícia do “divórcio” de Nojoom. Essa entrada de Samir na audiência, nos traz a ideia do retorno da infância. Significando a liberdade de Nojoom, mas também de seus irmãos e irmãs e de todas as crianças. No final da audiência, Nojoom demonstra medo em voltar

■ resenha de filme

para casa dos pais, mas aceita ir, porque Samir a chama, simbolizando a volta da esperança e da inocência da infância.

Cena final e conclusão

Nojoom aparece indo para a mesma escola da filha do juiz. No pátio, há um grupo de meninas rodando de mãos dadas e Nojoom no centro. Uma voz declamando, o que poderia estar na voz das meninas. Uma declaração da cineasta al-Salami, para quem “conhecimento é luz”:

é a minha vida, não é desobediência
quero ser livre, não aprisionada
eu digo não ao casamento infantil
não à opressão sobre as meninas
você não têm o direito de roubar os nossos sonhos
não vou mais tolerar a injustiça
não vou mais ser submissa
vou me instruir e vou aprender
o conhecimento traz luz ao mundo
(tradução do filme)

No Brasil há, por parte da academia, resistência em mostrar a realidade de violências contra as mulheres, em países muçulmanos. Pesquisadora(e)s têm tido suas pesquisas limitadas ao literário ou ao cultural romanceado, ou mesmo, desistido de estudarem *gênero e Islã*, por terem cerceadas as suas abordagens realistas. A abordagem realista sobre as mais diversas violências que todas as sociedades do mundo podem produzir é encontrada nos mais diversos movimentos de mulheres, inclusive nos movimentos sociais de mulheres muçulmanas, que lutam por liberdade e por uma vida sem violência (mesmo aqueles cujas premissas norteadoras são a cultura e a religião). Nesse sentido, nesta resenha, entendendo que é preciso ouvir essas abordagens contadas pelas próprias vozes das mulheres de uma mesma localidade étnica, cultural e político-econômica, optou-se por transcrever as cenas do filme e por desenvolver análises realistas dessa violência e violação dos direitos humanos das crianças que é o “casamento infantil”.

Bibliografia

ABBAD, Dr Nawal Ba. “Time to stop child marriage in Yemen and give girls back their childhood”. White Ribbon Alliance, on Thursday 3rd Apr 2014. Disponível: <https://www.girlsnotbrides.org/time-stop-child-marriage-yemen-give-girls-back-childhood/>, Acessado em 25/07/2020.

BOITIAUX, Charlotte. “I am Nojoom, age 10 and divorced: Yemeni director tackles tradition, child marriages”. Interview to Ahram online, in France 24 Jun 2015. Disponível em: <http://english.ahram.org.eg/NewsContent/5/32/132507/Arts--Culture/Film/I-Am-Nojoom,-Age-and-Divorced-Yemeni-director-tac.aspx>. Acessado em 12/08/2020.

■ resenha de filme

“Government body calls for end to child marriage”, News, 2008. <https://www.thenewhumanitarian.org/news/2008/08/03/government-body-calls-end-child-marriage> Acessado 12/08/2020.

HERSH, Joshua. “A Ten-Year-Old’s Divorce Lawyer”. The New Yorker, March 4, 2010. Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/news-desk/a-ten-year-olds-divorce-lawyer>. Acessado em 12/08/2020.

“How Come You Allow Little Girls to Get Married? Child Marriage in Yemen”. Save the Children’s Research Center, 2/06/2012.

<https://resourcecentre.savethechildren.net/library/how-come-you-allow-little-girls-get-married-child-marriage-yemen#>, último acesso 24/07/2020.

HUMAN RIGHTS WATCH. Child marriage abuse of girls and women in Yemen. 2011

<https://www.girlsnotbrides.org/human-rights-watch-child-marriage-spurs-abuse-of-girls-and-women-in-yemen/> Acessado 12/08/2020.

HUMAN RIGHTS WATCH. “Yemen: Child Marriage Spurs Abuse of Girls and Women”, December 8, 2011. Disponível em:

<https://www.hrw.org/news/2011/12/08/yemen-child-marriage-spurs-abuse-girls-and-women> último acesso 24/07/2020.

ICRW -International Center for Research on Women, disponível em:

<https://www.icrw.org/child-marriage-facts-and-figures/> . Acessado 12/08/2020.

“Khadija al-Salami, a Yemeni Child Bride Who Became a Diplomat”. 8 de abril de 2018. Disponível em: <https://fanack.com/yemen/faces/khadija-al-salami/> acessado em 12/08/2020.

LIMA, Cila. *Feminismo islâmico: mediações discursivas e limites práticos*. Edições Acadêmicas, 2017. Disponível em <https://usp-br.academia.edu/cilalima> acessado 12/08/2020.

MIR-HOSSEINI, Ziba. “Hijab and choice. Between politics and theology”. In Mehran Komrava. *Innovation in Islam: traditions and contributions*. Bekerley: University of California Press, 2011 (pp. 190-212).

UNPA, “Marrying too young end child marriage”, United Nations Population Fund, New York, 2012. Disponível em: <https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/MarryingTooYoung.pdf> Acessado 25/07/20.

UNICEF (2001). “Early Marriage. Child spouses”, Innocent digest nº7. <https://www.unicef-irc.org/publications/pdf/digest7e.pdf> Acessado 25/07/2020.

UNICEF (2005), “Early marriage a harmful traditional practice. A statistical exploration”. https://www.unicef.org/publications/files/Early_Marriage_12.lo.pdf Acessado, 25/07/2020.

UNICEF (2013). Table 9: Child Protection, The state of the world’s children.

■ resenha de filme

https://www.unicef.org/sowc2013/files/Table_9_Stat_Tables_SWCR2013_ENGLISH.pdf.
Acessado 25/07/2020.

UNICEF (2018), “A Profile of Child Marriage in the Middle East and North African”.

<https://www.unicef.org/mena/reports/profile-child-marriage> Acessado em: 12/08/2020.

UNICEF (2018). “25 milhões de casamentos infantis foram evitados em dez anos”. Disponível em: <https://unicrio.org.br/unicef-25-milhoes-de-casamentos-infantis-foram-evitados-em-dez-anos/> . Acessado em 12/08/2020.